

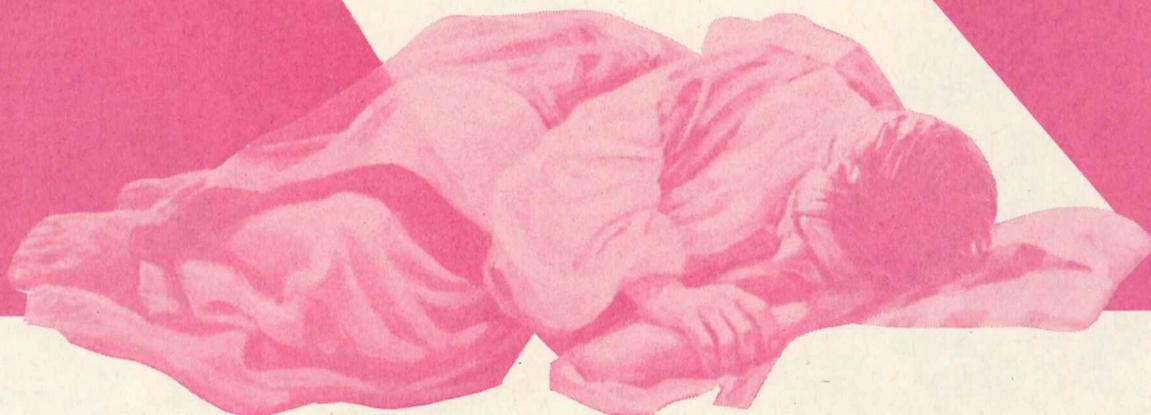


O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE DEZEMBRO DE 1978



segredos do natal



Pacotes misteriosos. Portas fechadas de mansinho. Listas que se fazem e se consultam em privado. Tudo isto reflecte o clima de segredos do Natal moderno. Será um comportamento novo, mais um dos muitos acréscimos e enfeites com que ornamos a época?

Não. O primeiro Natal conheceu também um clima de segredos, embora um tanto diferentes dos que hoje dão certo encanto à nossa celebração.

Primeiro, houve o homem que sofreu em segredo. José, um carpinteiro galileu, descobriu que Maria, sua noiva, se encontrava grávida. Sabedor de que ele não era responsável por tal circunstância, José sentiu-se abalado. A imaginação mais fértil não pode conceber as noites de insónia, o convite aberto à revolta e ao ciúme, a depressão que aflige a pessoa sensível bruscamente exposta ao que parecia ser infidelidade e traição.

José tinha algumas opções. Podia sair à rua e gritar a sua denúncia, expondo a noiva a escárnio público.

Outro caminho aberto a José, e este o mais penoso, era sepultar toda a afronta no íntimo do coração, guardar segredo e passar o resto da vida acobrunhado.

Foi a opção preferida. Neste Natal José tem ainda muitos companheiros: homens e mulheres que trazem dentro do peito dores legítimas, mágoas para as quais não encontram explicação plausível. Vivem calados o seu drama íntimo.

Havia também no primeiro Natal a mulher que guardava em segredo as suas perplexidades. Maria era seu nome. A época trouxe-lhe imensa confusão espiritual. Dum lado, havia a voz de anjo a prometer grandezas nunca sonhadas; de outro lado, a suspeita dos homens, o afastamento do noivo: um conflito até hoje patente entre o material e o espiritual, uma aparente discrepância entre o quotidiano e as promessas de Deus.

O seu "Como poderá ser isto?" ecoa ainda de muitas mulheres e não menos homens que esperam

uma resposta "lógica" para tudo. Sem querer ser sacrílegos, só podem conceber acontecimentos explicáveis pelas leis da natureza ou por equações científicas.

O terceiro segredo do primeiro Natal é o que ia no palácio de Herodes. Mateus diz que ele chamou secretamente os Magos e quis saber mais acerca do nascimento de Jesus. Desejava destruir o Menino que ele julgava ameaçar o trono. Herodes quis transformar a história do Natal em segredo perpétuo: que jamais a notícia chegasse às páginas da história; que jamais entrasse na tua e minha alma e nos transformasse!

Que fez Deus quanto aos segredos do primeiro Natal?

Ao carpinteiro José deu uma visão que aclarava e explicava tudo. Então ele compreendeu. Deixou de sofrer. Levantou-se para viver e ser parte da vida. Que este Natal te traga uma visão de Deus, libertação n'Ele de dores e mágoas, a firmeza de que o Consolador e a Luz do Mundo entraram na vida e te deram a paz.

À Virgem Maria, Deus trouxe um cântico de júbilo e fé. Quando ela confiou ao Senhor as suas perplexidades, algo maravilhoso aconteceu. Temores humanos revelaram-se sem fundamento. O que o vulgo chamaria fonte de vergonha, tornou-se manancial de bem-aventuranças. O escândalo local passou a ser causa de salvação universal.

Mas, que aconteceu à reunião secreta convocada por Herodes para estrangular o Natal?

Abortou. Hoje, tu e eu, em diferentes lugares mas no mesmo espírito, temos um Nome precioso a encimar a nossa lista de Natal—JESUS. A alma iluminada canta a revelação do segredo do céu: o Filho de Deus baixou à terra e morou com os homens. Essa vinda, cimentou o convite e o plano de nos levar a Deus. Celebremos de coração aberto. □

—Jorge de Barros

ainda é tempo de ouvir

—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

Durante os dois milénios passados, a mensagem do Natal tem sido apresentada e proclamada ao mundo pelos arautos fiéis da cruz. Começou com o humilde nascimento do nosso Salvador na manjedoura de Belém. As palavras são simples e a mensagem é clara.

Os profetas, séculos antes do nascimento de Jesus, dão realce a este grande acontecimento. Isaías declarou na sua profecia: "Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel" (7:14). Miqueias anunciou: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (5:2).

O Novo Testamento também lembra o facto em linguagem singela. Mateus descreve a anunciação como segue: "E dará à luz um filho, e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (1:21). João diz: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade" (1:14).

A força redentora da mensagem do Natal tem transformado nações inteiras. Tem orientado o género humano em busca de dignidade e liberdade. Grandes documentos históricos de liberdade foram influenciados pelos princípios cristãos. Tem encorajado os homens a perdoarem-se e a compreenderem-se mutuamente—sendo tolerantes e pacíficos, pondo de lado o ciúme e o ódio—dominando o egoísmo e a agressão.

A mensagem natalícia também tem transformado o indivíduo que ouve e obedece aos seus ensinamentos. O perdão tem sido aceite e o pecador transformado em santo. O ódio pessoal, substituído pelo amor. Os corações quebrantados são consolados. Lares desfeitos são restabelecidos; e os homens e mulheres levados a grandes empreendimentos e a actos de misericórdia para com o seu semelhante.

Jesus Cristo é a própria mensagem. Como o mundo seria tão diferente se O aceitássemos! Não é demasiado tarde. Ainda podemos ouvir. Ainda podemos ser indivíduos transformados. Ainda as nações podem ser transformadas pelo poder redentor da mensagem do Natal. □



O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Dezembro de 1978 Número 24

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

Lar e Natal. Crianças que jogam, pais que riem, presentes, perú e muitas luzes. E, se por acréscimo, tudo se apresentar adornado com o tópico de uma palavra meiga e suave, teremos salvo o compromisso.

Pois bem, sem desprezar a parte mais colorida do tema, deixem que vos conduza até duas colunas que dão razão de ser ao Natal: perdão e amor.

Cristo diz-nos neste Natal: "Basta; venci o ódio com o amor, que o perdão seja o novo estandarte da vossa vida. Não analiséis de que lado está a razão, pois, infelizmente, a razão é o que mais falta quando a razão da força substitui a força da razão".

Não pretendemos fazer uma descoberta ao afirmar que é precisamente no lar onde se torna mais difícil viver como cristãos. Muitos matrimónios se têm realizado sobre alicerces enganosos; outros, cuja rotina da convivência tem levantado barreiras intransponíveis, mantêm como único ponto de apoio a simples atracção física. Perante tal facto, surgem de forma esquemática duas reflexões:

Primeira: Embora contando com poucas possibilidades de ser ouvidos, insistir mais uma vez com os jovens acerca da importância de entrar no noivado e no matrimónio não só pela porta aliciante da atracção física que unicamente satisfará uma das necessidades do casamento; mas, sim, certificando-se previamente de que existem pontos de contacto mais consistentes, isto é, uma afinidade espiritual e, também, um nível cultural semelhante.

Tal precaução evitará um bom número de conflitos matrimoniais difíceis de resolver mais tarde.

Segunda: Ante o facto consumado, não nos detenhamos em atribuições de culpas pelo passado. Visto o lar à luz do Natal e observado com todos os problemas e incompreensões que o ameaçam, frequentemente, é tempo de firmá-lo nestes dois esteiros luminosos que tornam belo o Natal: perdão e amor.

Há coisas que, efectivamente, são difíceis de doar. Precisamente pela dificuldade que encerram, a sua beleza torna-se mais notória; é difícil disfarçar a falta de cortesia, esquecer a infidelidade ou não dar a devida importância aos reiterados esquecimentos que, pouco a pouco, vão murchando a flor do primeiro amor; mais difícil ainda é superar a barreira enorme que separa espiritualmente aqueles que se deviam sentir intimamente identificados. Difícil e incompreensível se não entra em acção o filtro do amor.

O lar deve ser o gerador de energia espiritual, moral e afectiva, capaz de manter os seus membros em condição de enfrentarem os obstáculos que irão surgindo na vida diária.

Realçamos as colunas do perdão e do amor, mas só têm sentido e realidade, quando Cristo se torna o hóspede visível e permanente do lar. □

—Máximo G. Ruiz

o lar e o natal



Num artigo sobre o Natal sobressaem, quase sempre, o nascimento de Jesus, a rudez do hospedeiro, a estrela, os pastores, o quadro da sagrada família, os Magos e o rei Herodes.

Porém, pouco se fala do homem da rua, daquele que a história não menciona, dos milhares e até milhões que, como você e eu, passam inadvertidamente pelos acontecimentos do Natal.

No entanto, o plano divino encontra-se centralizado no homem da rua, pois Cristo veio para ser Salvador do povo. O drama de Belém tem como objectivo a alma de seres como nós.

Que disseram os outros que estavam hospedados na mesma estalagem? E os das outras hospedarias? Devia ter sido uma experiência extraordinária o encontrar-se, da noite para o dia, na plenitude dos tempos, no caminho por onde passaria a divindade até à humanidade. Que surpresa! Quantas perguntas sem resposta! Que maravilhas inexplicáveis! Olhares estupefactos, bocas abertas, corações palpitantes e mentes inquietas procurando reconciliar o jugo férreo que os flagelava com a liberdade pregada no nascimento do Messias!

O povo deixou de ser o mesmo. Todos os habitantes sofreram uma transição incompreensível. O povo desconhecido da Palestina viria a ser o centro do mundo. Milhões têm visitado o lugar onde Jesus nasceu. Os moradores de Belém ficaram sem saber o que fazer. À semelhança dos camponeses dum aldeia ao receberem a visita do presidente da república, todos ficaram nervosos e não faziam coisa com jeito, desfazendo-se em desculpas. O nascimento do Filho de Deus modificara a própria terra.

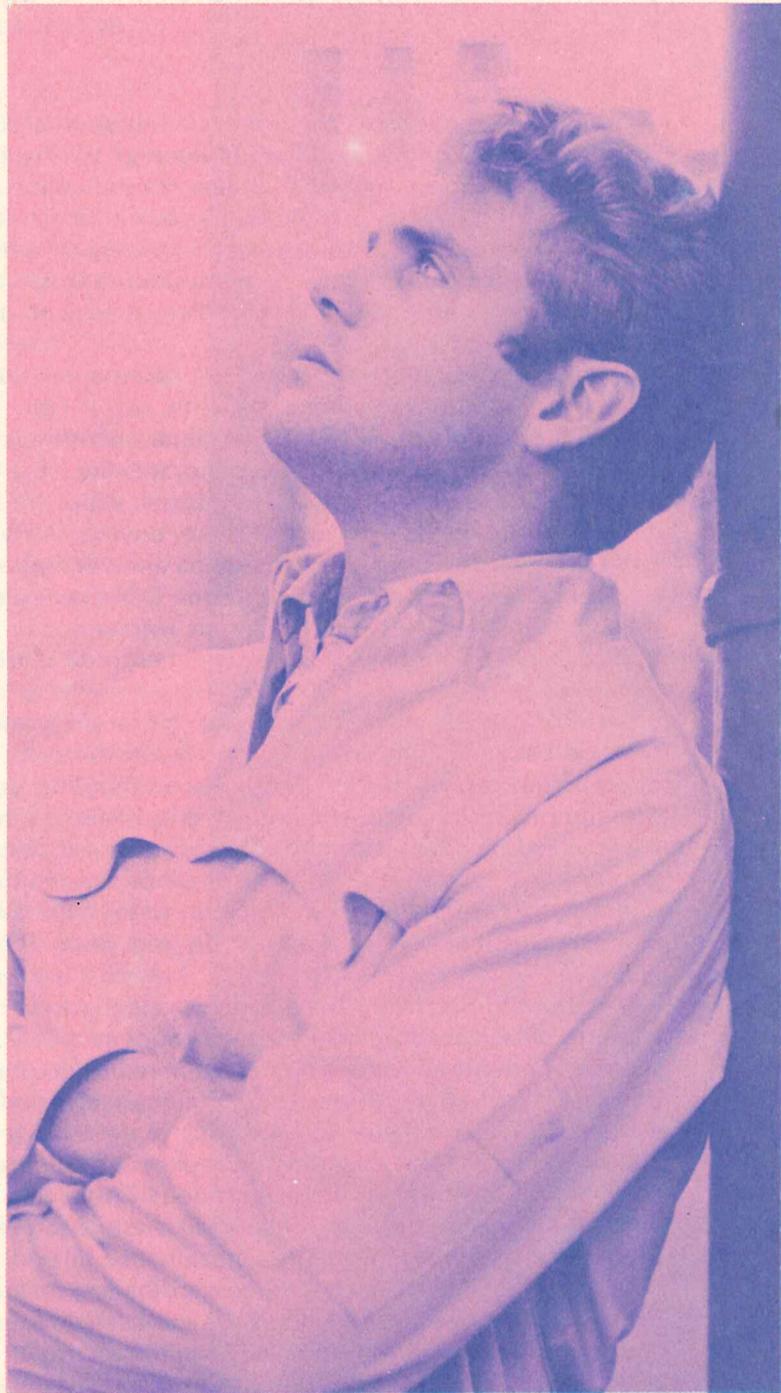
Contudo, o mundo continuou a sua marcha . . . milhões de homens e mulheres ignoraram o facto e pouco se lhes daria se o tivessem conhecido. A indiferença por ignorância. Quantos levando uma vida sedentária e apática, enquanto outros viviam os acontecimentos de uma nova era, a era da redenção.

"Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz", disse o profeta Isaías (60:1). Parece o mesmo convite que se poderia ter feito aos daquela geração.

No entanto, "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito" (João 3:16). Jesus Cristo "veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:10). Ele disse que tinha vindo ao mundo não somente por causa de Herodes, dos magos, dos pastores, da sagrada família, do estalajadeiro ou dos que tinham sido alistados. Veio para salvar a você e a mim. A vinda de Cristo é uma vinda e visita pessoal. O Natal é um evento individual, preparado para cada um segundo as nossas necessidades.

Daí o Natal ser um acontecimento respeitante a cada um de nós, se o aceitarmos como tal. De outro modo, para que celebrar o Natal? Só para nos divertirmos? □

natal— acontecimento pessoal —H. T. Reza



A vinda de Cristo é uma vinda e visita pessoal. O Natal é um evento individual, preparado para cada um segundo as nossas necessidades.

redenção no natal

—J. José Zani

Que é que nós vemos no Natal? Muitos recordam a data histórica do nascimento de Jesus, fazem festas e enviam cumprimentos, mas não experimentam na sua alma a alegria da salvação que desfrutou Simeão no primeiro Natal.

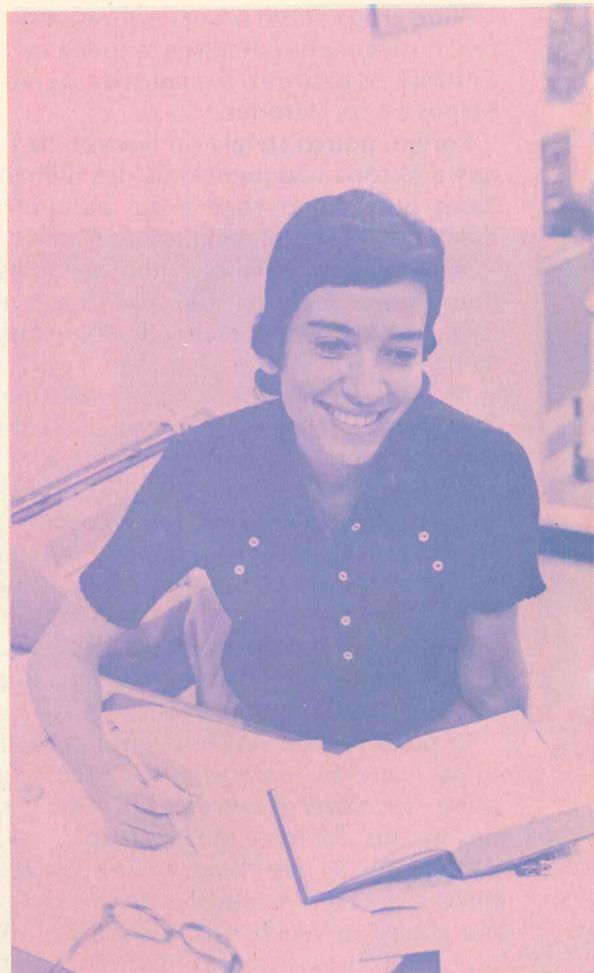
Um célebre pintor representou na tela o entardecer de um dia de inverno. Podiam-se observar algumas árvores cobertas de neve, o chão árido e uma casa antiga. Era um quadro sombrio e triste que mostrava a realidade da paisagem. O artista não ficou satisfeito com a obra. Depois de pensar, pegou num pouco de tinta de cor vermelha e amarela e iluminou a janela da casa. Foi quanto bastou para mudar por completo o aspecto melancólico da pintura.

Antes do nascimento de Jesus, era assim a tristeza da pobre humanidade. Tudo era sombrio e triste, sob o rigor do inverno cruel do pecado. Não havia luz. A alma encontrava-se sem fé, sem esperança e sem salvação. O panorama era triste e de futuro incerto. Mas o grande Artista do universo sabia em que estado desolador vivia o ser humano. Por isso, enviou ao mundo o Seu Filho que colocou uma luz brilhante na alma de todos os que esperavam a redenção de Deus: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (II Coríntios 4:6).

Entre os que esperavam o Salvador, havia um homem santo e piedoso chamado Simeão. O Espírito Santo tinha-lhe feito saber que não morreria sem ver o Cristo. Foi ao templo e ao receber o Menino nos seus braços, cheio de alegria, rompeu em louvores a Deus, dizendo: "Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação, a qual tu preparaste perante a face de todos os povos; luz para alumiar as nações, e para glória do teu povo Israel" (Lucas 2:29-32).

No primeiro Natal Simeão teve imensa alegria ao ver o Menino, garantia de salvação pessoal e da de todos os povos. Foi essa a sua visão redentora. Muitos homens têm realizado grandes obras devido à sua visão no futuro. Um arquitecto convidou certo amigo jornalista a acompanhá-lo a um lugar onde se iria levantar uma cidade moderna. Ao chegarem, o arquitecto perguntou ao companheiro que é que via. Ele respondeu: "Aqui não vejo nada, apenas um ribeiro e terra árida". Então o arquitecto expôs o seu projecto e disse-lhe como a sua imaginação já podia ver belos edifícios, ruas alcatroadas, parques ajardinados, crianças correndo e saltando por todos os lados. Era a sua visão do futuro.

Que é que nós vemos no Natal? Muitos recordam a data histórica do nascimento de Jesus, fazem festas e enviam cumprimentos, mas não experimentam na sua alma a alegria da salvação que desfrutou Simeão no primeiro Natal. Aproveitemos o verdadeiro significado do Natal e tenhamos profunda visão da nossa própria salvação e de toda a humanidade, pois "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:14). □



DISTINÇÃO

A Dra. M. Odette Pinheiro concluiu com distinção o curso de Mestre (em Divindade) do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City. Regressa agora às suas funções de médica, após quatro anos de leal e generosa colaboração como redactora de O ARAUTO DA SANTIDADE.

Com felicitações pelo êxito académico, exprimimos o mais profundo reconhecimento por um trabalho bem feito. (J. B.) □

Os tradutores da Bíblia têm tido dificuldade, através dos anos, em interpretar o verdadeiro significado das palavras do canto dos anjos nos arredores de Belém: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14).

A vontade de Deus para com os homens é, sem dúvida, boa, conforme o prova o acontecimento do Natal. No entanto, a expressão não dá o significado exacto das palavras originais.

Uma outra versão diz: "Paz na terra entre homens de boa vontade". Esta tradução avança um pouco mais. A vontade do homem tem de ser boa, se esperamos ver qualquer espécie de paz na terra.

Os *Evangelhos Vivos* dizem: "Glória a Deus nas maiores alturas", cantavam os anjos, "e paz na terra para todos aqueles que O agradam". A paz chegará aos homens, não por eles serem bons e terem "boa vontade", mas por agradarem a Deus.

Perguntamo-nos, por vezes, se chegará o dia em que os homens compreenderão que não podem viver em paz com o próximo, sem antes estarem de bem com Deus. Até chegar esse tempo, temos de suportar as consequências das crises e falta de paz.

Existe em Provérbios 16:7 uma promessa muito descurada: "Sendo os caminhos do homem agradáveis ao Senhor, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele".

Do ponto de vista humano, Jesus deu a conhecer o segredo da sua vida, quando disse: "E aquele que me enviou está comigo: o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que Lhe agrada" (João 8:29).

O propósito da Bíblia é ensinar-nos como "convém andar e agradar a Deus" (I Tessalonicenses 4:1). Nisto devemos abundar cada vez mais.

Os que vivem apenas na carne "não podem agradar a Deus" (Romanos 8:8).

"Ora, sem fé, é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hebreus 11:6).

As paráfrases da Bíblia nem sempre são aconselháveis. Mas Hebreus 13:15-16 é particularmente recomendável para a quadra do Natal: "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus, sacrifícios de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada".

Sem paz, todos os demais valores desvanecem. Rabbi Joshua Liebman diz num dos seus livros que na sua juventude fizera uma lista dos valores terrenos que mais ambicionava: saúde, amor, riqueza, beleza, talento, poder e fama.

Um amigo sábio disse-lhe que tinha omitido um elemento sem o qual todas as outras posses nada significariam. Era a paz de espírito. Com paz a vida merece ser vivida. Sem paz, todas as possessões são como nada.

Por vezes, o mundo é melhor em guerra que em paz. Perdemos na conferência de paz o que tínhamos conquistado no campo de batalha, pois falhamos em compreender que as condições do mundo são reflexos dos problemas individuais ampliados ao máximo.

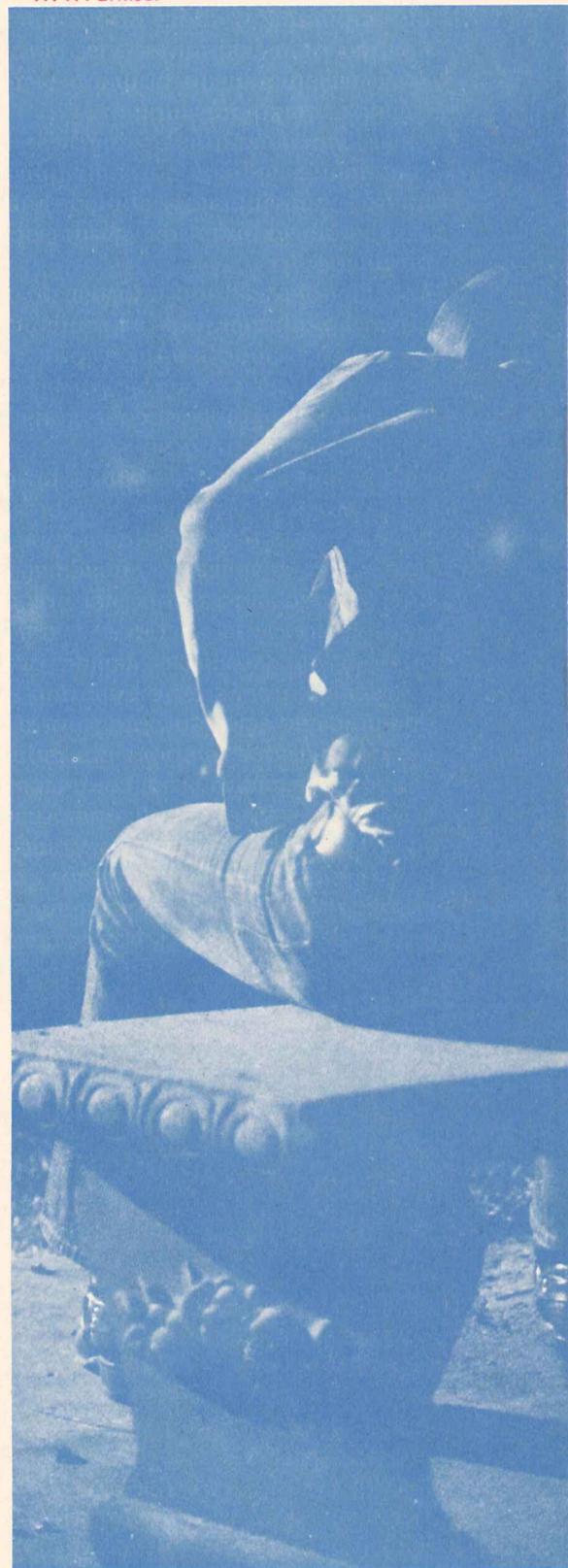
"Se deseja a paz", disse John Ruskin, "esforce-se você por alcançá-la". Melhor dito, "descubra-a por si mesmo" — não nas circunstâncias confusas da vida, mas como dádiva d'Aquele que disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27).

Neste Natal de 1978 existe paz ao alcance de todos. Não é política ou mesmo internacional. Essa terá de esperar até à vinda do Príncipe da Paz.

A paz que hoje podemos desfrutar é *com* e *de* Deus. É uma paz universal para todo aquele que agrada a Deus e "em quem Ele se compraz". □

paz na terra: para quem?

—W. T. Purkiser



O nascimento virginal de Jesus é algo superior a toda a explicação humana. Qualquer criança nascida de pais humanos traz o estigma do pecado inato. No caso de Jesus, Deus interveio directamente preparando uma virgem para dar à luz Seu Filho Unigénito. Alterou a ordem natural, usando o Seu poder sobrenatural: "O que nela está gerado é do Espírito Santo" (Mateus 1:20).

Várias passagens da Bíblia vinculam esta obra de Deus. Mateus 1:23 repete a declaração de Isaías 7:14 — "Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel". Lucas 1:35 regista a resposta dada a Maria pelo anjo que lhe anunciou o milagre da concepção virginal: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra".

A ciência e a filosofia não podem explicar este mistério. À própria Virgem causou grande surpresa. Todavia, quando foi cheia do Espírito Santo pôde testificar: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpre-se em mim segundo a tua palavra" (Lucas 1:38). Prontificou-se, deste modo, a ser usada segundo os planos e propósitos de Deus. E, assim, no seu próprio seio deu-se o mais maravilhoso encontro da divindade com a humanidade — Deus-Homem. "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:14).

O Filho de Deus, feito sangue e carne, veio nascer entre esperanças e lágrimas, sonhos e realidades. Um Homem que, sem pecar, procurou espalhar amor, candura, paz, bálsamo e felicidade entre os outros homens de natureza corrupta e arruinada. "Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome" (João 1:12).

Maria chegou a ser mãe do Messias por sua humildade em

reconhecer-se serva do Senhor e por estar pronta a ser alvo das Suas promessas. Do mesmo modo, todos quantos desejamos testificar e ganhar almas para Jesus devemos possuir a mesma atitude: "Senhor, não posso acreditar que me vais usar. A tarefa parece impossível; mas, se ordenas, serei Teu servo. *Cumpra-se em mim segundo a Tua palavra*". Em Actos 1:8 a plenitude do Espírito e o testemunhar vêm juntos: "Recebeis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e sereis testemunhas..."

Depois de receber o Espírito Santo, Maria ficou cheia de gozo e procurou testificar. Também

nós ficaremos e testificaremos, se permitirmos que o Espírito Santo desça aos nossos corações e faça a Sua obra. Não podemos pôr condições. A consagração há-de ser total. Então estaremos prontos para ser usados. Parece impossível? "Para Deus, nada é impossível" (Lucas 1:37). □

"CUMPRASE EM MIM"

—Acácio Pereira



O MISTÉRIO DE JESUS

Celebramos na quadra do Natal a encarnação do Filho de Deus. É tempo propício para meditar sobre o prólogo majestoso do Evangelho de João (1:1-14).

"No princípio . . ." A frase recorda as primeiras palavras da Bíblia, mas transporta a mente do leitor aos tempos anteriores à criação. Não estava presente qualquer pessoa, apenas Deus com Deus. Embora as criaturas humanas não pudessem participar na eternidade passada, maravilha das maravilhas, poderão compartilhar da eternidade futura. Estarão com Deus para sempre! E tudo porque o Verbo que estava com Deus e era Deus, "se fez carne e habitou entre nós". O Verbo estava com o homem e era Homem!

Neste prólogo, há três frases que resumem o mistério profundo e o poder dessa visita redentora. "Ele estava . . . Veio . . . Deus . . ."

"**Ele estava**". Esta frase refere-se ao mistério da Sua pessoa.

"No princípio estava com Deus". João descreve com estas palavras a existência eterna do Verbo como Criador, por Quem "todas as coisas foram feitas".

"Estava no mundo". Aqui afirma a Sua existência histórica como Verbo redentor quando "o Pai enviou o Filho como Salvador do mundo".

Entre estes dois modos da Sua existência situa-se o milagre supremo da Encarnação. "O Verbo se fez carne". Era verdadeiro Deus, mesmo tornando-se verdadeiro Homem. A mente humana não pode sondar, nem a língua exprimir, a profundidade do mistério que há na Pessoa de Cristo. Apenas nos podemos prostrar e adorar onde há impossibilidade de analisar e descrever. Estava no princípio com Deus, como Deus. Estava no mundo com os homens, como Homem. Tentar penetrar este mistério equivale a afastar-nos dele cegos pelo excesso de luz.

"**Veio**". Esta palavra refere-se ao mistério do Seu propósito.

Tem ligação com o versículo 6 que diz respeito a João Batista como "homem enviado de Deus". "Este veio para que testificasse da luz."

Depois a frase é repetida no versículo 11 referindo-se a Jesus como "a Luz verdadeira" que brilha e alumia no meio das trevas horríveis do pecado. Era mais que simples homem enviado de Deus. Era Deus feito Homem! "Veio para o que era seu."

Por ter vindo como Luz do mundo é que os homens conseguem ver. Um dos sete sinais apresentados por João, como prova da divindade de Jesus, é a cura de um homem cego de nascença. Aqueles que olham para Jesus descobrem que Ele é "o Caminho" para o Pai; que ilumina as veredas do homem até Deus. Quando Jesus nasceu em Belém, uma luz do céu guiou os magos. Jesus é a Luz, a Estrela da Manhã, que afasta as nossas trevas e nos dirige a Deus como Fonte de perdão, paz e vida.

"**Deu**". Refere-se ao mistério do Seu poder. "Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus." Poder de serem feitos — que bela expressão! Certamente constitui o dom preferido do Natal e de qualquer outra época do ano! Poder em sair do que somos para o que devemos ser. Poder de concretizar o possível. Um poeta exclamou, frustrado com a derrota moral: "Oh! que um novo homem se levante dentro de mim, para que o homem que eu sou, cesse de ser". É precisamente a espécie de transformação que Jesus dá!

Como apropriar-nos desse poder? Encontram-se envolvidos nele dois factores: "A todos quantos O receberam . . . aos que crêem". Boas-vindas e confiança. Quando damos a Jesus as boas-vindas ao nosso coração como Salvador e Lhe confiamos as nossas vidas como Senhor, dá-se o milagre do novo nascimento e começa nova vida sem fim.

É Cristo que constitui o Natal no mistério da Sua pessoa, propósito e poder.

"Ele era" o que ninguém era — o Filho de Deus.

"Veio" como ninguém veio — para salvar.

"Deu" o que ninguém deu — a salvação.

Neste Natal coloquemos todos os verbos no tempo presente. Ele é! Vem! Dá!

Você já deu as boas-vindas a Jesus dentro do seu coração e do seu lar? □

—W. E. McCumber



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

HERÓI ESQUECIDO DO NATAL

—Morris Chalfant

Pouco se tem dito e escrito acerca do terceiro membro da sagrada família.

Nos nossos sermões falamos do “Menino Jesus deitado num presépio ao lado de Sua mãe”, mas passamos quase por alto José. Contudo, ele foi escolhido por Deus para ser o protector na terra da maior Dádiva do céu concedida à humanidade.

José, homem calado, teve um papel importante no drama natalício, em especial, na visitação do anjo a Maria e na sua entrega incondicional à vontade divina. Eu disse um homem calado? Sim, foi-o realmente, pois não temos qualquer registo evangélico de suas palavras.

Praticamente, todos os pormenores da vida de José são apresentados de modo ocasional. Foram mencionados não para dizer algo dele, mas de alguém que o escritor considera de maior importância.

José ocupou uma posição difícil. Quando Maria se encontrava grávida, ele teve de admitir, mesmo contra a lógica, que nisso não havia imoralidade. Provavelmente Maria já lhe tinha contado a história da Anunciação. Mesmo que ele próprio tivesse recebido a visita do mensageiro celeste dizendo-lhe que era obra do Espírito Santo, José precisaria de fé extraordinária para aceitar sem suspeitas tal situação, proteger e cuidar de Maria com todo o amor.

O lugar de José na história do Natal é honroso. O homem foi bom, amável e fiel. Salientou-se pela sua fidelidade a Deus e dedicação à mulher extraordinária que tinha como esposa.

Mas ele foi marido de Maria, não seu adorador. Sem dúvida, teria rejeitado o culto moderno a Maria que a coloca como quarta pessoa da Divindade. Respeitou-a pela sua chamada sublime para ser mãe de Jesus, mas não a exaltou acima do lugar em que Deus a colocara.

Segundo todas as indicações, ninguém exaltou José de modo especial pela parte que teve na história do primeiro Natal. Tem quase sempre ficado à margem. Ter-se-ia comportado de modo diferente, se soubesse de antemão o que ia acontecer? Considerando o que dele está escrito, reconhecemos que, elogiado ou não, o seu comportamento teria sido o mesmo. Porquanto o seu coração estava em Deus de Quem esperava a aprovação— e não em qualquer opinião humana.

O seu exemplo de obediência e devoção a Deus não nos dizem nada? Se afastássemos as vozes do mundo e unicamente ouvíssemos a de Deus a falar às nossas almas, teríamos este ano um verdadeiro Natal. A nossa vida seria mais compreensível, o caminho mais desimpedido e o céu mais perto de nós. □

o natal
é para
sempre

—Bruce Larson

Li há anos uma experiência extraordinária. Dois psicólogos dos Estados Unidos decidiram investigar pessoalmente o comportamento dos doentes mentais dum manicómio. Procuraram modo de ocultar a sua verdadeira identidade para poderem ser admitidos como dementes na maior instituição do estado de Pensilvânia.

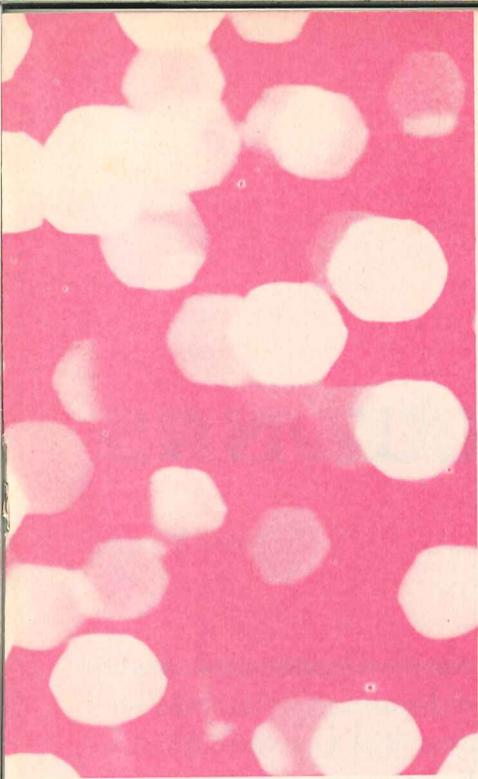
O seu propósito era “viverem internados e experimentarem as mesmas reacções dos doentes — os seus sentimentos e as causas envolvidas no processo de transformar os novos pacientes em doentes crónicos”.

Ao terminarem dita experiência fizeram um relatório muito interessante, demasiado extenso para ser aqui apresentado. Concluíram que a vida num hospital de doentes mentais se caracteriza por um profundo sentimento de tédio e traição.



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



observam o que se passa na avenida para o comentarem filosoficamente.

O Dr. MacKay dizia que esta espécie de vida é característica de muitos cristãos. Observamos, criticamos e aconselhamos sobre o que se está a passar do outro lado da rua. Precisamos descer da varanda para vivermos ao nível dos outros. Pode ser que essa vida não seja tão segura e acarrete sofrimento, mas harmoniza-se com o exemplo e mandato do Senhor.

Estou apto a aconselhar qualquer pessoa que me escute. A minha esposa, filhos, amigos e colegas têm aguentado as minhas belas, comovedoras e profundas observações acerca do que devem ser e fazer. Entretanto, dar um conselho é muito diferente de se identificar com alguém que se pretende ajudar.

Não pensem que não acredito em conselhos. Dou graças a Deus pelos muitos e bons que tenho recebido. Tenciono ler, ouvir discursos e sermões, e ser aconselhado pelos amigos; mas os bons conselhos são raros. Deus provou-o quando desceu do céu à terra para viver conosco.

Certamente é digno de louvor deixar a comodidade da varanda para descer à rua, ou deixar o consultório para ser doente por algum tempo; mas seria desonesto abandonar tais experiências a nosso bel-prazer. Existe ainda outro modo de ajudar as pessoas que demonstram o verdadeiro significado do Natal.

O padre Damião, sacerdote católico, exerceu o seu ministério por conta própria na colónia de leprosos de Molokai. Principiava sempre os sermões dizendo: "Irmãos e irmãs". Mas, no domingo seguinte ao ter conhecimento de que contraíra a lepra, começou a mensagem com as palavras: "Nós, os leprosos". Antes de ter a doença podia sair, mas depois o seu ministério tornou-se diferente. Daí em diante estava preso e definitivamente dedicado à sua congregação.

Para mim, esta é a mais profunda e assombrosa dimensão do Natal. Se Cristo deixou a terra ao morrer e, por Sua ressurreição voltou ao céu, os Seus sofrimentos foram limitados. Mas sabemos que ficou no mundo conosco. Foi Ele que disse: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a *mim* o fizestes" (Mat. 25:40). Mais tarde disse a Paulo no caminho de Damasco: "Saulo, Saulo, porque *me* persegues?" (Actos 9:4). Não disse: "Saulo, Saulo, porque persegues o Meu povo ou os Meus seguidores?" Antes, identificou-se totalmente conosco.

Que significa a presença do Espírito Santo no mundo? Não quer dizer que Cristo vive em nós de tal modo unido que está na terra, como o padre Damião estava na colónia de leprosos dizendo: "Nós, os leprosos?"

É verdade que Jesus compartilha da nossa humanidade? Porventura não sofre, espera, ri e chora conosco? Sim. Então Ele é o exemplo do amor mais profundo. Aconselhar é bom. Participar na encarnação é, ainda, melhor. Mas dar-se incondicionalmente é a expressão do amor mais sublime.

Não estão nisto baseados o matrimónio e a paternidade? Não nos devemos dar completamente ao cônjuge ou aos filhos, embora não nos compreendam ou decepcionem? Não é este também o propósito da igreja — estarmos dedicados a um grupo de crentes, sem olhar a quem prega ou ao que se passa na Junta?

O Natal encanta-me. Gostaria dele ainda que fosse um simples dia festivo ou tempo de companheirismo. Mas aprecio-o muito mais como recordação da encarnação, do amor de Deus vivendo conosco. Todavia, é mais — o Natal é para sempre — traduz um modo de vida do qual não nos podemos evadir. Sendo assim, aceito-o e estremeço como os primeiros pastores da colina de Belém. □

Ao ler esse relatório lembrei-me do primeiro Natal. Antes dele, Deus procurara de viva voz e até com palavras gravadas nas pedras, dar advertências e conselhos. Porém, no Natal, Deus fez-Se um de nós para viver entre nós e tomar parte no nosso destino, como fizeram os dois psicólogos entre os alienados.

O Natal tem uma lição óbvia. Certo amigo meu, cirurgião há trinta anos, também sentiu necessidade de ser submetido a uma operação. Isso mudou por completo a sua atitude perante o sofrimento. Muitos professores têm-me dito o que significou para eles terem de voltar a ser estudantes.

O primeiro Natal assinalou uma mudança radical na estratégia pessoal de Deus, ao decidir participar na Sua criação e sofrer por nossa causa. John MacKay, director do Seminário Teológico de Princeton, costumava dizer que é esta a grande mensagem do evangelho. Passara a maior parte da vida como educador na América Latina. Durante esse tempo observara que, em cada cidade, existem duas filosofias diferentes. As famílias mais ricas vivem em casas com varandas que dão para a avenida principal ou para a praça. De noite, comodamente sentadas,

a alegria de viver

—Armando de Sá Nogueira*

Com o nascimento de Jesus há quase dois mil anos, um raio de esperança desceu sobre a humanidade e comunicou-lhe a alegria de viver!

Quando os pastores guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite, a glória do Senhor os cercou e o anjo — mensageiro do céu — fez o primeiro anúncio da maravilhosa visita celestial: “. . . Eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo” (Lucas 2:10).

O mundo de então necessitava de Luz. A voz dos Profetas tinha cessado. A Lei revelara-se acima da força interior. Deus já tinha a melhor solução: o Filho ofereceu-Se, voluntariamente, para salvar a humanidade de um segundo caos diluviano.

O Velho Testamento apresenta o retrato de Jesus. Cada livro destaca as suas características, mas era necessário que sáísse da imagem simbólica e víssemos a Sua glória.

Então, providencialmente, realizou-se o milagre da encarnação — “mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4:4).

E veio: nasceu, cresceu, ajudou os pais, curou e ressuscitou dos mortos. Se tudo ficasse dentro do contexto profético e histórico, o Cristianismo seria mais uma religião entre outras.

Não. Há diferença. Prometeu-nos a habitação em plenitude do Espírito Santo — “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre . . . e estará em vós” (João 14:16-17).

Assim, o rumo e destino da humanidade sofreu alteração. A possibilidade de caos geral foi mudado em salvação, paz, segurança e descanso da alma. Precisamos de mais riquezas do que estas?

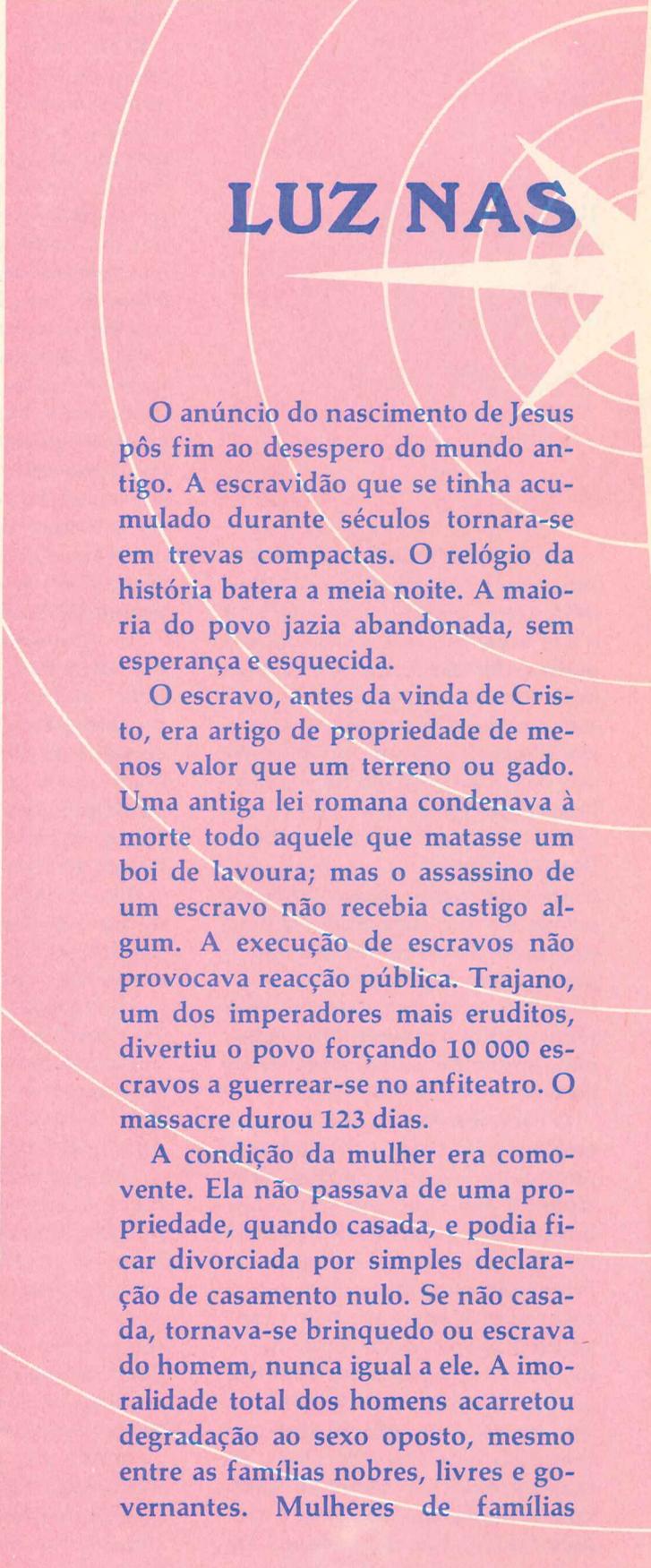
Neste mundo de mudanças drásticas, confortá-nos saber que podemos contar com o apoio do “Emanuel” — Deus conosco!

Não é sem razão que o grande génio musical Bach, ao estudar os evangelhos, se tivesse inspirado e composto uma das suas mais famosas obras — “Jesus, Alegria dos Homens!”

Mais um Natal. E a mesma alegria de viver com e por Jesus! □

*Praia, Cabo Verde

LUZ NAS



O anúncio do nascimento de Jesus pôs fim ao desespero do mundo antigo. A escravidão que se tinha acumulado durante séculos tornara-se em trevas compactas. O relógio da história batera a meia noite. A maioria do povo jazia abandonada, sem esperança e esquecida.

O escravo, antes da vinda de Cristo, era artigo de propriedade de menos valor que um terreno ou gado. Uma antiga lei romana condenava à morte todo aquele que matasse um boi de lavoura; mas o assassino de um escravo não recebia castigo algum. A execução de escravos não provocava reacção pública. Trajano, um dos imperadores mais eruditos, divertiu o povo forçando 10 000 escravos a guerrear-se no anfiteatro. O massacre durou 123 dias.

A condição da mulher era comovente. Ela não passava de uma propriedade, quando casada, e podia ficar divorciada por simples declaração de casamento nulo. Se não casada, tornava-se brinquedo ou escrava do homem, nunca igual a ele. A imoralidade total dos homens acarretou degradação ao sexo oposto, mesmo entre as famílias nobres, livres e governantes. Mulheres de famílias

TREVAS

—Donald S. Metz

ilustres inscreviam-se, muitas vezes, nas listas oficiais de prostitutas públicas. O pobre, o órfão e o doente sofriam a rejeição total e, no melhor dos casos, uma tolerância humilhante. Multidões de mendigos vagueavam pelas estradas e zonas rurais. Nenhum rico concebia a ideia de fundar asilos para dementes, hospitais, ou lares para órfãos. Mesmo entre os judeus, o doente e o estropeado eram vistos como estando a ser castigados por algum pecado cometido.

Nem gregos, nem romanos experimentavam qualquer sentimento de pecado ou culpa pessoal, desde que procurassem agradar aos seus muitos deuses. Os bárbaros não tinham restrições. Até os judeus se encontravam no legalismo centrado no eu ou na tradição formalista.

Então o anúncio ressoou nas trevas. Uma luz brilhou como um meteoro no céu — a estrela de Belém. O canto dos anjos penetrou a noite. Os escravos receberam esperança, a condição da mulher foi elevada, o pobre e o doente encontraram um Advogado e Médico.

A luz brilhou nas trevas. E continua a brilhar! □

ÍNDICE 1978

ARTIGOS

- Achesson, R. B. — Críticas, pág. 219.
Alexandre, Aurélio N. — A Cruz de Cristo, pág. 42.
Almeida, Eudo T. de — Bodas de Prata, pág. 140.
Aparício, Eduardo — Que Espera o Aluno do Seu professor?, pág. 332.
Attig, Ronald — O Ministério dos Recepcionistas, pág. 182.
Barbosa, António M. — Um Coração de Mãe, pág. 143.
— Um Homem Sem Dolo, pág. 23.
Bauzá, Florentino — Ministério dos Leigos, pág. 302.
Bauzá, Ramón — A Grande Comissão, pág. 299.
Beals, Ivan A. — Amor Altruísta, pág. 270.
— Pais sob a Direcção de Deus, pág. 134.
Bechtel, Faythelma — Mestre Ideal — Nosso Modelo, pág. 328.
Bonar, Clayton — A Promessa do Pentecostes, pág. 150.
Bonner, Hal — O Cristão e os Seus Fracassos, pág. 72.
Bunch, Gary — Deus Responderá, pág. 123.
— Em Marcha, pág. 212.
— Estás Ocupado?, pág. 236.
— Investimento de Importância, pág. 263.
— Preguiçoso?, pág. 183.
Buttin, Buford — Uma Igreja Atraente, pág. 202
Camargo, G. Baez — Mulheres Esquecidas do Novo Testamento, pág. 142.
Chacón, Ricardo — Como Orar, pág. 70.
— Mãe e Mestra, pág. 329.
Chalfant, Morris — Herói Esquecido do Natal, pág. 378.
— O Medo Matou o Resto, pág. 170.
— Sejamos Agradecidos, pág. 346.
Chambers, Marilyn — Santificação e Falta de Credibilidade, pág. 298.
Chilton, John — João Wesley: Um Homem Que Mudou o Seu Mundo, pág. 166.
Coburn, Dorothy K. — Porque Ele Vive!, pág. 70.
Corbett, C. T. — Bem-vindo ao Lar, pág. 281.
Cunningham, Eleanor W. — Nadar a Valer!, pág. 125.
David, Pedro — Tempo de Decisão, pág. 300.
Deasley, A.R.G. — A Mensagem de Romanos 7, pág. 308.
— Conceito Bíblico da Família, pág. 136.
— Contrição na Vida do Santificado, pág. 231.
— Salvação do Pecado, pág. 120.
Denny, Randall E. — Nota de Alegria, pág. 14.
Deweese, Dan L. — A Santidade no Tempo Presente, pág. 230.
Diaz, Benjamin R. — Ajude os Visitantes, pág. 186.
Dobson, James — A Família em Foco, pág. 138.
Evans, Paul — Mortos em Cristo, pág. 283.
— Tocou-me, pág. 47.
Ferreira, Francisco X. — Balanço, pág. 93.
— Pentecostes, pág. 155.
Fillmore, Donna — Obrigado, Senhor, pág. 350.
Fortes, J.S. Monteiro — O Futuro Pode Ser Mudado?, pág. 28.
— Os Ateus Também Oram?, pág. 74.
— O Último Culto, pág. 327.
— Terremotos em Vários Lugares, pág. 103.
— Túmulos Modernos, pág. 92.
— Universidade — Túmulo ou Ferramenta?, pág. 151.
França, Daniel Aleixo — Eu Era Assim, pág. 174.
Franco, Sérgio — O Ministério da Igreja do Nazareno por Todo o Mundo, pág. 312.
— Um Homem do Evangelho, pág. 264.
Gardner, John M. — Evangelismo, pág. 260.
González, José — Você Sabia?, pág. 364.
González, Mariano — Cristo Falou-me num Cemitério, pág. 286.
— Intervenção Armada, pág. 106.
Goode, Blanche — Uma Porta Aberta, pág. 214.
Good, John — Os Pontos Bons da Igreja, pág. 218.
Gray, Thelma — Testemunho e Acção, pág. 268.
Gregory, James — Ideia Tremenda, pág. 356.
Grider, J. Kenneth — Poder, Bem Como Pureza, pág. 235.
Hahn, Susan N. — História de Amor, pág. 46.
Hamilton, James D. — A Morte Transforma-se em Vida, pág. 279.
— Cuidado com a Negligência, pág. 126.

- Hanks, Tomás — O Estudo da Bíblia, pág. 362.
Hansen, C. D. — O Último Inimigo, pág. 280.
Harper, Albert F. — A Humanidade na Santidade, pág. 232.
Harris, D. R. — Cristo Paralizado, pág. 297.
Heenan, Ismênia — O Calendário, pág. 10.
Herring, Cly de Lee — Vós Orareis Assim . . . , pág. 24.
Hesselstyn, Theodore P. — A Palavra de Deus Insiste: Responsabilidade, pág. 172.
—O Sacerdócio de Todos os Crentes, pág. 320.
Hetrick, Paul — Todas as Nações, pág. 294.
Hynd, David — Cristãos Perante um Dilema, pág. 188.
John, Clare St. — A Marca do Discipulado, pág. 39.
Johnson, Alice — O Ministério da Música, pág. 342.
Johnson, Gerald — A Chamada, pág. 304.
Kinschi, Paul L. — Que É a Igreja?, pág. 198.
Knight, John A. — Adoração — Arte Esquecida, pág. 344.
—O Outro Lado das Boas Novas, pág. 102.
—O Poder da Ressurreição, pág. 88.
—Paz Interior — Moral ou Religiosa?, pág. 316.
—Religião Experimental e Indulgência Emocional, pág. 221.
Kratzer, Raymond C. — A Música na Igreja, pág. 348.
Larson, Bruce — O Natal É para Sempre, pág. 379.
Latham, Mary E. — Perguntas, pág. 238.
Leite, A. Nobre — Carta aos Meus Filhos, pág. 132.
—O Senhor Firma os Passos do Homem Bom, pág. 55.
Lima, Joaquim A. — Qualidades de um Bom Pai, pág. 138.
Little, Paul E. — Ajuda no Caminho, pág. 296.
Longo, Vicente — Para Louvor de Sua Glória, pág. 343.
—Prêmio da Integridade, pág. 156.
Lopes, Jorge Maia — Associação Sunamita, pág. 204.
Lown, Albert J. — Santidade de Coração, pág. 237.
May, John W. — Santidade para o Homem Contemporâneo, pág. 148.
McClain, Carl S. — Eliseu no Seminário, pág. 334.
McCumber, W. E. — O Livro Indispensável, pág. 358.
—O Ministério de Jesus, pág. 377.
—O Nosso Maior Desafio, pág. 301.
—Seminário Modelo, pág. 326.
McElrath, Stanley — A Nossa Igreja, pág. 196.
Metz, Donald S. — A Fé É Essencial, pág. 78.
—A Obra da Igreja, pág. 205.
—Conflitos numa Vida Santa, pág. 38.
—Missão Possível, pág. 176.
—O Pastor Ideal, pág. 336.
—Perdoa — Mesmo Quando Não Podes Esquecer, pág. 124.
Morton, Richard K. — Sou um Professor, pág. 244.
Myers, Thelma — Receita para um Matrimônio Feliz, pág. 27.
Nogueira, Armando de Sá — A Alegria de Viver, pág. 380.
—Ano Melhor — Tudo Maior, pág. 12.
—Cada Crente um Missionário, pág. 295.
—Características Indispensáveis, pág. 187.
—O Brado da Reforma . . . Continua, pág. 318.
—O Presente Século, pág. 266.
—Trabalho — Caminho do Sucesso, pág. 124.
—Triângulo da Felicidade, pág. 363.
—Um Só Propósito — Ministar, pág. 330.
Nogueira, Fernando de Sá — Gratidão, pág. 340.
Pacheco, José — A Família no Ano Dois Mil, pág. 135.
—Bons Dias em 1978, pág. 13.
—Eleutério, pág. 347.
—Eu Sou a Porta, pág. 331.
—Vem, Senhor Jesus, pág. 100.
—Verdadeiro "Superstar", pág. 41.
Perea, Carlos — Jesus e Seus princípios, pág. 40.
Pereira, Acácio — A Liturgia e a Reforma, pág. 315.
—Anúncios, pág. 265.
—Bálsamo, pág. 282.
—Chuva Torrencial, pág. 254.
—Cumpra-se em Mim, pág. 376.
—Defensor da Ortodoxia, pág. 203.
—Espírito Santificador, pág. 157.
—Jesus Conta Contigo, pág. 44.
—Ponte de Amor, pág. 157.
—Trabalho — Oração, pág. 116.
—Tudo, pág. 62.
—Tudo Vem de Deus, pág. 349.
Peruch, José Ulisses — O Nosso Credo, pág. 199.
Phyllips, Karen — Oferecendo o Melhor, pág. 58.
Pinheiro, M. Odette — Humano . . . Mas Não Só, pág. 43.
—Magia, pág. 32.
Posterski, Don — Que É um Cristão?, pág. 320.
Purkiser, W. T. — A Esperança da Sua Vinda, pág. 107.
—Afirmativas Nazarenas, pág. 206.
—Legalismo e Espiritualidade Verdadeira, pág. 215.
—Ministério da Página Impressa, pág. 360.
—O Nascer do Sol, pág. 86.
—Paz na Terra: Para Quem?, pág. 375.
—Pessoas Ignoradas, pág. 189.
—Tempo, pág. 6.
—Uma Insignificância Importante, pág. 311.
Ramirez, Ramón — Reflexões, pág. 4.
Ramón, Mário — A Armadura de Cristo, pág. 26.
Reed, Gerard — Feliz a Pessoa Que Lê, pág. 366.
—Os Grilhões da Riqueza, pág. 59.
Reed, Harold W. — Teologia Essencial, pág. 310.
Reed, Oscar F. — Direito Total e Exclusivo de Cristo, pág. 228.
—Santa Ousadia, pág. 11.
Roa, M. Inês — O Jovem Cristão e a Igreja Local, pág. 250.
Roberts, Branson — A Luz do Mundo, pág. 76.
Robertson, Betty B. — Tudo Porque, pág. 250.
Robleto, Adolfo — O Dia Começa com Luz, pág. 285.
Ruiz, Máximo G. — O Lar e o Natal, pág. 372.
Sada, M. Cantú — Servos ou Filhos?, pág. 222.
—Vida na Imensidão, pág. 111.
Semedo, Manuel Brito — A Canção do Amor de Deus, pág. 7.
—Convites ao Anoitecer, pág. 269.
—Crise de Relacionamento, pág. 122.
—Domingo de Vitória, pág. 77.
—Fome, o Flagelo da Humanidade, pág. 171.
—O Machado de Poder, pág. 333.
—Que Marchem!, pág. 234.
—Se Cristo Não Tivesse Vindo, pág. 45.
—Uma Assembleia Popular, pág. 251.
Simões, Nedy — Agradecimento a Deus, pág. 350.
Smith, George L. — Professor, Interessas-te de Verdade?, pág. 253.
Smith, Oswald J. — Milhões de Leitores, pág. 365.
Sousa, M. das Dores A. de — Mantenha Distância, pág. 119.
—Um Empreendimento Lucrativo, pág. 284.
Southmosth, Dwight — Por Que Frequenta a Igreja?, pág. 185.
Spruce, Fletcher — O Nome Que É Sobre Todo o Nome, pág. 42.
—Que Fazer Até Jesus Voltar, pág. 110.
—Segurança num Mundo em Derrocada, pág. 30.
Strait, Neil — Decisões Eternas, pág. 276.
Swank, J. Grant — Perguntas Sobre a Segunda Vinda de Cristo, pág. 104.
Tancara, Isaías R. — A Bíblia e o Dilema Científico do Futuro, pág. 359.
Taylor, Richard S. — A Lei e o Amor, pág. 216.
Taylor, Willard H. — Eficiência Redentora, pág. 324.
Teixeira, Amadeu A. — Salvo para Sempre?, pág. 154.
Temple, Helen — Alabastro — Milagres nos Campos Missionários, pág. 278.
—Quando Começou a Páscoa?, pág. 91.
Testerman, Jean — A Escola Dominical — Uma Taça, pág. 246.
Tinao, Daniel E. — Será Possível Vencer o Medo?, pág. 8.
Troutman, Robert — Monumentos no Trabalho, pág. 118.
Valvassoura, Lázaro A. — A Igreja e o Evangelismo, pág. 262.
—Independência e Vida, pág. 71.
—Mordomia, pág. 54.
Van Mieng, Doan — Onde Está o Elias de Deus?, pág. 109.
Villanueva, Angel H. — Santidade e Responsabilidade Social, pág. 173.
Weatherford, Fred M. — Investimentos da Vida, pág. 52.
Williamson, G. B. — Opressão ou Privilégio?, pág. 220.

- Willingham, T. W. — O Último Lugar, pág. 184.
 —Prouvera a Deus, pág. 267.
 Zani, J. José — A Caminho da Inteira Santificação, pág. 158.
 —Redenção no Natal, pág. 374.

ARTIGOS ANÔNIMOS

- A Chamada de Deus à Santidade, pág. 152.
 As Crianças Aprendem o Que Vivem, pág. 144.
 Jorge Muller — Um Jovem Incorrigível, pág. 22.
 Páscoa, pág. 90.
 Quem São os Nazarenos?, pág. 200.
 Queridos Pais, pág. 292.
 Tempo, Talentos, Recursos, Energia, pág. 29.

EDITORIAIS — JORGE DE BARROS

- Advogados, pág. 210.
 A Exploração Continua, pág. 258.
 A Luz Foi-se Embora, pág. 18.
 Ao Serviço do Amor, pág. 130.
 As Catacumbas de Roma, pág. 34.
 Condenada por Furto, pág. 66.
 Conhecimento Básico, pág. 306.
 Credenciais do Criado, pág. 146.
 Culto de Vigília, pág. 2.
 Desperdício, pág. 274.
 Dia de Surpresas, pág. 82.
 Dize uma Palavra, pág. 354.
 Energia Solar, pág. 50.
 Esperança, uma Estrutura Viva, pág. 98.
 Estudantes, pág. 242.
 Extradicação, pág. 114.
 Luz e Alegria, pág. 338.
 Rótulo Questionável, pág. 290.
 Sede de Conhecimento, pág. 322.
 Segredos do Natal, pág. 370.
 Sr. 26398, pág. 178.
 Uma Janela Estratégica, pág. 194.
 Um Olhar Comprometedor, pág. 162.
 Um Povo Santo, pág. 226.

EDITORIAIS — SUPERINTENDENTES GERAIS

- Coulter, George — Boa Palavra Antiga, pág. 195.
 —Entregues a Si Mesmos, pág. 275.
 —O Milagre do Pentecostes, pág. 147.
 —Sacode os Teus Temores, pág. 19.
 Greathouse, William M. — A Promessa do Consolador, pág. 307.
 —Como Ler a Bíblia, pág. 355.
 Jenkins, Orville W. — A Sua Oração por Ti, pág. 35.
 —Mordomia Fiel, pág. 51.
 —O Poder do Pentecostes, pág. 291.
 —Poder para Viver, pág. 115.
 Lawlor, Edward — Liberdade, pág. 99.
 Lewis, V. H. — As Campanhas de Avivamentos São Benéficas, pág. 259.
 —Dia das Mães, pág. 131.
 —Escolhas: Decisões, pág. 211.
 —Fraternidade, pág. 163.
 Stowe, Eugene L. — A Igreja e a Faculdade, pág. 323.
 —Elementos de um Milagre, pág. 179.
 —Oferta de Gratidão, pág. 339.
 —Páscoa — Alegria e Esperança, pág. 83.
 —Quatro Certezas Vitais, pág. 243.
 Strickland, Charles H. — A Beleza da Santidade, pág. 227.
 —Ainda É Tempo de Ouvir, pág. 371.
 —Desafio para o Ano Novo, pág. 3.
 —Oração, pág. 67.

EDITORIAIS — H. T. REZA

- A Inteligência Não Tem Patente Registrada, pág. 325.
 Ano Novo, pág. 5.

- A Realeza em Jerusalém, pág. 69.
 As Missões Não São um Passatempo, pág. 293.
 Disciplina ou Libertinagem?, pág. 213.
 Evangelismo e Comunicação, pág. 341.
 Filosofia do Amendoim, pág. 181.
 Interprete a Ressurreição, pág. 85.
 Não por Estéril, mas por Fingida, pág. 101.
 Natal — Acontecimento Pessoal, pág. 373.
 O Maior Dentro do Menor, pág. 245.
 O Peso da Alma, pág. 277.
 Oração Materna, pág. 133.
 O Triângulo da Reforma, pág. 309.
 Para Que Existimos?, pág. 357.
 Paternalismo e Auto-Sustento, pág. 117.
 Perdoo, mas Não Esqueço, pág. 229.
 Personalidade Contagiosa, pág. 37.
 Pertença, pág. 197.
 Que É Isso?, pág. 53.
 Responsabilidade Comunitária, pág. 165.
 Servindo o Povo, pág. 149.
 Tudo Depende de . . . , pág. 21.
 Você Também Pode Ser Evangelista, pág. 261.

MISCELÂNEA

- A Igreja e o Lar, pág. 137.
 A Igreja Infantil É . . . , pág. 252.
 Carta de Paulo, o Apóstolo, pág. 112.
 Cartas, pág. 367.
 Como Ajudar o Seu Pastor, pág. 191.
 Como Ser Feliz, pág. 361.
 Deus e a Mãe, pág. 141.
 Divisão de Vida Cristã, pág. 247.
 Drama no Mar, pág. 108.
 Libertação, pág. 94.
 Frequente a Igreja, pág. 276.
 Ore . . . , pág. 303.
 Relações Humanas, pág. 122.

O CAMPO É O MUNDO

Páginas: 15, 78, 168, 207, 239, 271, 335.

POESIAS

- A Cruz, Luciano Duarthez, pág. 70.
 Bíblia, Antônio de C. Gonçalves, pág. 364.
 Caminho de Emaús, J. S. Monteiro Fortes, pág. 36.
 Chamo-Te Amigo, Teresa M. Santos, pág. 349.
 Consagração, Gilberto Évora, pág. 180.
 Deus Olhou para Mim, Teresa M. Santos, pág. 84.
 Escrava de Amor, M. Odette Pinheiro, pág. 347.
 Meu Próximo, Eudo T. de Almeida, pág. 164.
 Senhor, Richard D. Exley, pág. 68.
 Sonda-me, ó Deus, Gióia Junior, pág. 20.
 Três Notas Imortais, Gilberto Évora, pág. 142.

PUBLICIDADE

Páginas: 16, 46, 48, 55, 64, 74, 76, 80, 96, 123, 128, 139, 158, 160, 183, 208, 224, 240, 256, 272, 288, 298, 317.

REPORTAGENS ESPECIAIS

- Brasil — 18a. Assembleia Distrital — Exaltando a Cristo no Lar, Alípio Lima dos Reis, pág. 62.
 Brasil — Distrito Sudeste — Retiro de Pastores, Luciano Duarte Silva, pág. 168.
 Cabo Verde — 24a. Assembleia Distrital — Assembleia Histórica, Manuel Brito Semedo, pág. 56.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Páginas 31, 61, 95, 127, 159, 190, 223, 255, 287.



**Ofereça
aos seus amigos
um presente que se
repetirá 24 vezes em 1979:
uma assinatura de O ARAUTO DA SANTIDADE
(Recorte e envie hoje o cupão da página 9.)**

Dê uma presente de valor!